

SESSÃO DE ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS DO CONCELHO DO NORDESTE

Vila de Nordeste, 19 de dezembro de 2014

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Em primeiro lugar, gostaria de vos dar conta do gosto com que aceitei o convite que o Senhor Presidente da Câmara Municipal do Nordeste me dirigiu para estar aqui presente, hoje, nesta sessão de encerramento.

E dizer-vos que aceitei este convite com muito gosto porque a minha presença permite que eu cumpra uma missão, que eu cumpra um encargo que julgo ser meu, como Presidente do Governo, neste momento.

Este encargo é, no fundo, de transmitir ao Nordeste, aos Nordestenses, através das suas instituições representativas, a comunhão que, da parte de todos os Açores, existe na celebração desta efeméride.

Porque ela simboliza bem a determinação, a resistência e a persistência do Povo do Nordeste que, ao longo de 500 anos, - julgo que não será exagerado dizê-lo – resistiu a tudo e todos, lutou contra tudo e contra todos: os esquecimentos, as omissões, as incompreensões e, em alguns casos, o abandono.

Naturalmente que estes 500 anos devem ser motivo de orgulho para todos aqueles que hoje fazem o Nordeste e que têm a responsabilidade e o encargo de fazer o Nordeste. É por isso que, neste momento, eu gostaria de homenagear todos aqueles que, ao longo destes anos, contribuíram para que o Nordeste seja aquilo que é hoje.

Mas estas comemorações e, sobretudo, esta sessão de encerramento não podem ser um ponto de chegada. Deve ser um ponto de partida relativamente à forma como – e permitam-me, agora, que fale à escala regional – todos nós, Açorianos, queremos vencer os desafios com que estamos confrontados.

É fundamental recolher estas lições do passado, mas também ter a consciência de que o Mundo mudou. O desafio hoje já não é o de lutar contra o isolamento. O desafio hoje é o de saber como vencer num mundo cada vez mais próximo, mais global e mais aberto.

Por paradoxal que isso seja, é esse o desafio com que todos nós estamos confrontados.

A questão principal, no meu entender, é esta: passamos de uma situação em que tínhamos de lutar contra o isolamento e batalhar para encurtar distâncias para uma situação em que, repentinamente, as distâncias estão encurtadas e o isolamento esbateuse. Como é que conseguimos sobreviver e afirmarmo-nos num mundo cada vez mais global e cada vez mais aberto?

É necessário resistir a uma tentação que nos pode assolar nestes momentos. É uma tentação a que o percurso do Dr. João de Melo dá bem resposta. Temos de resistir à tentação de nos acomodarmos, de erguermos barreiras e de julgarmos que é no nosso cantinho que conseguimos sobreviver ou que conseguimos vencer. É exatamente ao contrário.

Não há nada que impeça os Açorianos, ou cada uma das nossas ilhas e dos nossos concelhos, de, num mundo aberto, poder vencer, triunfar e afirmar-se nos mais variados campos das ciências, das artes, da dimensão humana, no fundo.

Se é possível nesta noite e neste mês de Natal expressar um desejo, o maior desejo que eu, como Presidente do Governo, expresso é o de termos orgulho na nossa Região.

Mas termos orgulho na nossa Região, não na perspetiva de acharmos que somos, num extremo, os que merecem um cuidado e quase que o comprazimento dos nossos concidadãos de outra parte do território, ou no outro extremo, que somos o centro do Mundo. No fundo, o desejo de nos afirmarmos como somos. De termos orgulho naquelas que são as nossas raízes, nas nossas gentes e naquilo que conseguimos fazer e que, ao longo da história dos Açores, foi muito. Naquilo que conseguimos demonstrar aos outros.

No fundo, termos uns Açores e, sobretudo, termos uma Autonomia que não se envergonhe de se comparar com quem quer que seja. De termos uma Autonomia e uma Região que não se envergonhe de ombrear – porque pode efetivamente ombrear – com quem quer que seja.

Só assim é que conseguiremos ultrapassar este desafio. Esse é, talvez, o desafio mais difícil de se vencer, porque não depende de governos, não depende de câmaras municipais e não depende de nada, a não ser daquilo que fazemos e sentimos. Isso depende de cada um de nós.

Neste momento em que celebramos 500 anos de história do concelho do Nordeste, com tudo aquilo que representa e que significa, mas também com toda a esperança que essa celebração traz e carrega em si mesma, resta-me fazer votos para que sejamos sempre capazes de, com lucidez, poder definir e trabalhar para vencer os desafios que estão à nossa frente.

Não é ter a lucidez de nunca errar. Isso não existe. Mas é ter a lucidez de reconhecer quando erramos e ter a capacidade de corrigir os nossos erros. É ter, no fundo, a lucidez de agir, honrando a história daqueles que nos antecederam e honrando a esperança daqueles que serão os homens e as mulheres de amanhã.

As minhas sinceras felicitações ao Povo do Nordeste por estes 500 anos.